

SEGURANÇA E DEFESA

Ten-Cel ALBERTO DE A. CARDOSO

Oficial de EM

O Brasil se acha empenhado na solução de seus problemas de base. As fórmulas arcaicas e inoperantes estão sendo revistas. Idéias que há pouco tempo nos pareceriam heréticas constituem, agora, assunto de tôdas as conversas. Perdeu-se o mêdo de pensar...

É hora, também para as fôrças armadas, de debater suas questões estruturais. Não basta estudá-las a portas trancadas, sem que a Nação as conheça, viva e sinta como suas — que realmente são. Pode vir de um leigo, sem o garrote dos esquemas consagrados, a centelha porventura ausente na rotina dos técnicos.

É com tal espírito que submetemos ao leitor o presente artigo, certos de que apenas tocamos a superfície de um tema fundamental e profundo.

O ALICERCE

A razão de ser das instituições militares, o determinante de sua organização e de suas atividades, é a missão constitucional a elas atribuída.

Desta missão o essencial é:

- Defesa contra o inimigo externo.
- Manutenção da ordem interna.

Assim, para têrmos objetivo, rumo, senso de realidade, impõe-se definir:

- Quem é o inimigo externo.
- Quem pode perturbar a ordem interna.

Tentemos fixar êste aspecto.

O INIMIGO EXTERNO

O mundo está em guerra — a luta incessante movida pelo imperialismo comunista contra quem quer que se oponha ao seu objetivo, tantas vêzes declarado: o domínio do globo.

Nessa contenda não pode haver neutralidade. Os que pretendem adotar tal posição, supostamente cômoda, abrem as portas para a investida minaz do adversário, sob mil e uma formas.

Cristãos, ocidentais, americanos e democratas, não aceitamos o comunismo. Este é o nosso inimigo, embaçado, soez, arbitrário, arrogante, afável, conciliador, conforme ditarem as conveniências do momento.

Eis as suas possibilidades, à luz da missão das corporações armadas:

1 — Atacar-nos militarmente, com forças muito superiores às nossas, empregando ou não engenhos nucleares.

2 — Fazer-nos guerra por intermédio de outro país, apoiando-o fortemente.

3 — Agredir-nos valendo-se de seus agentes homisiados em nossa Pátria.

4 — Tentar a conquista sem luta.

É evidente que essas linhas de ação podem ser combinadas de diferentes formas.

Como reagir?

Restringimo-nos à atuação das fôrças armadas, e portanto não abordamos as possibilidades relativas às alianças internacionais, aos meios que não possuímos, etc.

Anotemos as conclusões, pois irão servir de base à organização de segurança e defesa que propomos.

Em nosso campo de ação, as respostas àquelas ameaças devem ser:

1 — Não apresentar alvo para o ataque de forças superiores. Desgastá-las, reduzi-las à impotência por processos que não lhes permitam sequer definir o adversário.

Para isto, devemos receber ou atribuir-nos, como rotina, missões de luta irregular: guerrilha, movimentos subterrâneos, sabotagem, atentados. Estas atividades seriam partilhadas por tôda a população, orientada pelos militares.

2 — Enfrentar militarmente qualquer opositor de poderio comparavel ao nosso, procurando sempre afastar a guerra do território brasileiro.

Precisamos, pois, manter-nos perfeitamente atualizados para a luta militar, quer no tocante à doutrina, quer em relação ao pessoal e meios decorrentes.

Isto implica a abordagem de muitos problemas, entre os quais se destacam:

a. Fixação e divulgação da doutrina brasileira, certamente adaptável à das potências ocidentais, por ser possível têmos de lutar a seu lado.

b. Montagem da organização correspondente.

c. Obtenção do equipamento indispensável.

d. Desdobramento racional (guarnições de paz), tendo em vista as condições de segurança ora vigentes e a necessidade de campos de manobra e locais de instrução.

e) Reestruturação da carreira, inclusive para atrair e conservar elementos de valor, logicamente voltados para profissões que lhes proporcionem nível de vida compatível com suas possibilidades intelectuais.

Neste setor estão incluídas inúmeras providências, convindo citar, por sua importância, o rejuvenescimento dos quadros. Na guerra de movimento incessante, que é a previsível, ninguém, no campo de batalha, deverá ter mais de 40-45 anos. Em tempo de paz, pode alongar-se o limite, que seria 50-55 anos.

3 — Agir preventivamente, para que a quinta-coluna jamais tenha oportunidade de ganhar corpo e muito menos de pegar em armas contra a Pátria. Se, apesar de tudo, o fato se configurar, ter condições para isolar as fontes de força dos rebeldes, fixá-los e destruí-los.

É necessário, portanto, manter uma constante vigilância contra a atividade do oponente em nosso território. Não de ser controlados também, o fabrico, importação e comércio dos meios bélicos.

4 — Concorrer para o esclarecimento do Povo e das autoridades, estudando profundamente as técnicas de "agressão branca" do inimigo e denunciando-as sempre que oportuno.

Para isso, estabelecer programas, destinados à tropa e à população, abordando principalmente as seguintes formas de ação do adversário:

- a. Infiltração de agentes (estrangeiros e nacionais), em instituições do governo, de defesa, produção, transporte e serviços essenciais, de educação e ensino, e de formação da opinião pública.
- b. Agravamento e exploração das dificuldades de vida da população.
- c. Criação de ressentimentos entre classes e entre regiões do País.
- d. Desmoralização das autoridades, de seus programas e realizações.
- e. Exaltação das supostas vantagens do regime do inimigo.
- f. Pressão em favor do estreitamento dos contatos de toda ordem com o adversário, principalmente os que permitam a instalação de suas agências em nosso território.

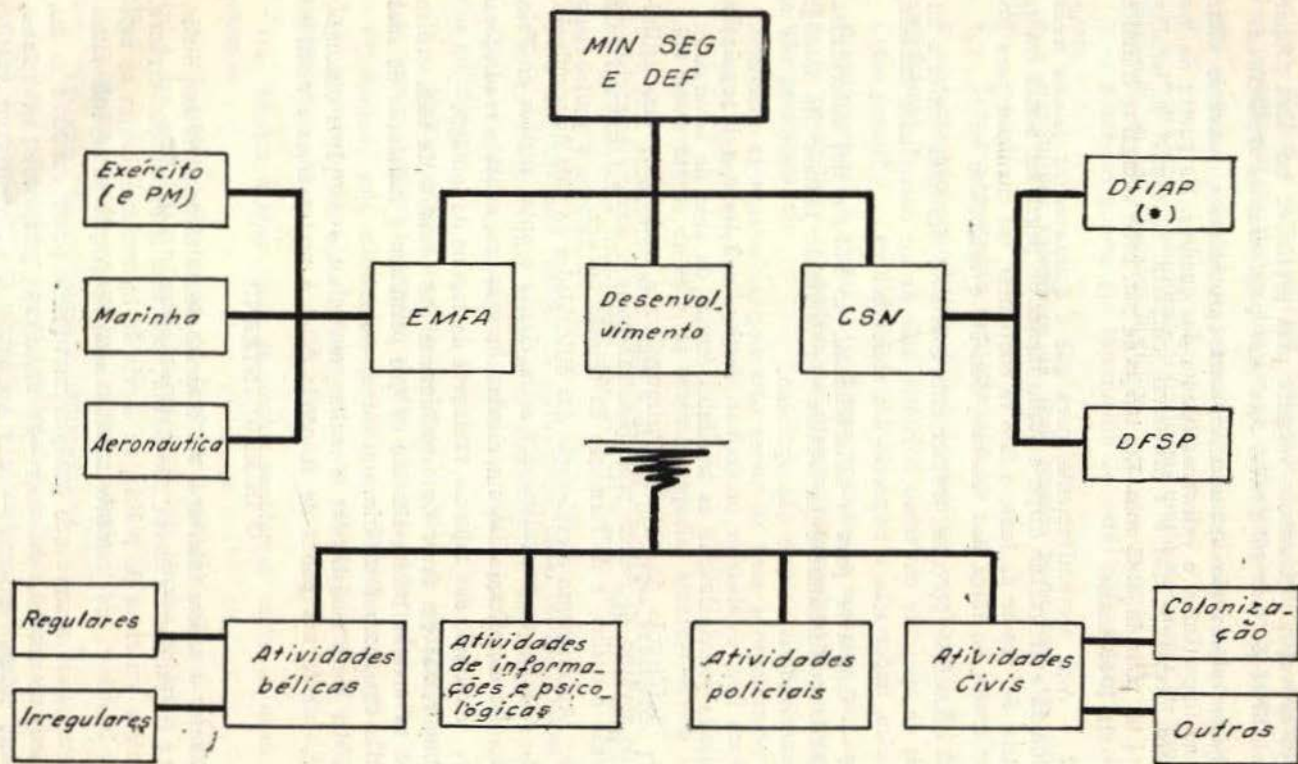
Tôdas essas modalidades, e muitas outras, estão em plena execução, principalmente nos países de economia débil e pretensamente neutros.

O INIMIGO INTERNO

Manter a ordem interna é um conceito de extraordinária amplitude.

As instituições armadas não devem, por uma interpretação errônea, imiscuir-se em casos de polícia, ou servir de instrumento contra as aspirações legítimas, ordeiramente manifestadas, de grupos ou de indivíduos.

Entretanto, sempre que qualquer movimento puser em risco as instituições que nos cabe defender — e neste caso, geralmente, denuncia-se o agente inimigo externo — não hesitemos: é dever intervir maciçamente, como um todo hierarquizado, e eliminar a ameaça.



(*) Departamento Federal de Informações e Ação Psicológica.

As fontes de inspiração da desordem podem ser econômicas, financeiras, ideológicas, políticas, sociais, etc. Impõe-se-nos, em consequência, acompanhar a evolução da sociedade brasileira sob todos os aspectos.

O crítico, neste particular, é definir o momento em que se faz necessária a entrada da tropa em ação; pois é da essência do regime democrático — e nisso está sua grandeza — a livre manifestação de idéias e de preferências, legítima enquanto não ameaçar a ordem e a própria Democracia.

OUTROS DEVERES

As forças armadas, dadas as suas próprias organização e natureza, não podem desinteressar-se dos problemas de desenvolvimento do País. Já participamos, neste setor, de muitas atividades. Entretanto, é preciso ampliá-las, tirando o máximo proveito de nossas possibilidades. Não esqueçamos tal aspecto, ao delinear-mos o sistema que deve atender a tôdas as necessidades e servidões apontadas.

O EDIFÍCIO

Recapitulemos as conclusões sucessivas:

1. Guerra irregular, contra forças superiores.
2. Ação militar, tratando-se de oponente a que possamos equiparar-nos e de rebeldia em armas.
(As imposições acima sugerem: **Atividades Bélicas**)
3. Prevenção do quinta-colunismo.
4. Prevenção dos métodos de "agressão branca".
5. Manutenção da ordem interna.
(Esses três últimos impõem: **Atividades de Informações e Psicológicas e Atividades Policiais**).
6. Trabalhos ligados ao desenvolvimento do País.
(Consequência: **Atividades civis**).

É de ver-se que essas incumbências congregariam as forças armadas, polícias militares e civis, órgãos de informações e ação psicológica; e, no setor de obras (colonização, viação, comunicações, educação, etc), pelo menos um elemento de planejamento e coordenação.

Tudo isto seria reunido no âmbito de um escalão superior, o **Ministério de Segurança e Defesa**. Resumamos, num só gráfico, a sua organização e atribuições. Observemos que serão enquadrados elementos que atuam isoladamente, por ora, ou alheios uns aos outros.

Só há dois órgãos novos, além do próprio Ministério de Segurança e Defesa. Um é relacionado com os trabalhos civis, de desenvolvimento; outro, o Departamento Federal de Informações e Ação Psicológica.

Todos os demais, porém, teriam de reorganizar-se, para atender aos encargos enumerados.

A tarefa é grandiosa, e nada fácil. Entretanto, constitui um desafio estimulante para os nossos estados-maiores, militares ou civis. Executando-a com ordem, presteza, cuidado e sinceridade de propósitos, revigoremos em nossas fileiras o SENSO DE FINALIDADE e prestaremos um serviço à Nação.